



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



NARRATIVAS ORIGINÁRIAS DO POVO XAVANTE EM MATO GROSSO

SÍLVIO TSIRUWEWE TSEREDZATI

**BARRA DOS BUGRES – MATO GROSSO
NOVEMBRO - 2024**

SÍLVIO TSIRUWEWE TSEREDZATI

NARRATIVAS ORIGINÁRIAS DO POVO XAVANTE EM MATO GROSSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração:

Orientador: Alexandre Mariotto Botton

BARRA DOS BUGRES – MATO GROSSO

NOVEMBRO - 2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Tseredzati, Silvio Tsiuwe we.
Narrativas originárias do Povo Xavante em Mato Grosso /
Silvio Tsiuwe we Tseredzati. - Barra do Bugres, 2024.
45f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: Dr. Alexandre Mariotto Botton.

1. História do Xavante. 2. Comunidade Indígena. 3. Narrativas
Xavante. I. Botton, Alexandre Mariotto, Dr. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 39(817.2)

SILVIO TSIRUWE WE TSEREDZATI

“NARRATIVAS ORIGINÁRIAS DO POVO XAVANTE EM MATO GROSSO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus Univ. Dep. Est. “Renê Barbour”* – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRE MARIOTTO BOTTON
Data: 14/10/2024 15:29:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Mariotto Botton
Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT
Orientador

Documento assinado digitalmente
 RAIMUNDO NONATO CUNHA DE FRANCA
Data: 14/10/2024 16:13:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Raimundo Nonato Cunha de Franca

Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 MARCIO PAULO CENCI
Data: 25/07/2024 20:42:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcio Paulo
Universidade Federal de Santa Maria
UFSM
Examinador Externo

Dedico estes estudos à comunidade indígena Sangradouro.

AGRADECIMENTOS

Eu, Silvio Tsiruwewe Tseredzati indígena da etnia Xavante em primeiro lugar agradeço a Deus por ter iluminado a mente durante meu estudo de mestrando. E agradeço:

Meu orientador senhor Alexandre Moriotto Botton, que mostrou o caminho de trabalho, como fazer dissertação e ilustrações em relação de narrativas originárias do povo Xavante de Mato Grosso.

A Banca Examinadora que alertaram sobre trabalho e gostaram do meu trabalho da história Xavante e do Narrativas Originária do povo Xavante. Sendo Raimundo, Márcio e perceberam que as histórias e as Narrativas serviram para a nova geração.

Os anciões sendo; Alexandre Tsereptsé, Paixão Wa'umhi, Aldo Tserewarã, Jacó Tserenhowa Marãdzabuiwa, Guilherme Tsarãwawê que elaboram, contribuíram com os saberes e seus conhecimentos durante as pesquisas que busquei para transcrever no curso de mestrado.

As comunidades indígenas Xavante da Terra Indígena de Sangradouro/MT, que me acompanharam e escolheram para ingressar o estudo de mestrado.

As queridas Mariana Wa'utomotsirã Pronhopa, Pedzatsi Aedzané que me acompanharam durante o meu percurso do estudo de mestrado na UNEMAT – BARRA DO BUGRES – MT.

A professora Claudia Leite Brandão, da diretoria Regional de Primavera do Leste/MT, que contribuiu em todo processo da minha seleção até esta etapa final de conclusão do mestrado.

E, por fim agradeço instituição UNEMAT que teve a disposição aos povos indígena do Estado do Brasil. Pois é uma honra a todos indígena cada vez se formando na Educação e na Saúde voltada para sua comunidade com qualificação específica.

ITSÕ'A (LÍNGUA XAVANTE)

Rowatsu u nhihödö, a'uwẽ uptabi norĩ te hã, rob'udzé wawẽ ãma hã. Rowatsu u nhihötö ma nharĩ da hã, imorĩ 'rada hã, ihi norĩ tsada nharĩ na a' ö. Tame dza rowatsu u, wapari petsena duré mreme te te na duré tsihötö na. Ihi norĩ dza da nharĩ, te tihöba ronhoré dzém ama duré 'Ri ãma. Ronhorewa te imanharĩ dza'ra mono hã, ronhore hã, rowaihu te tsa'êtẽ dza'ra mono da. Ane dza apo, ã witsi tinhimi rowaihu hã, dza duré tsima te romnhore dza'ra, 'Ri ama. Tô duré timreme na dza tsima te romnhore dza'ra, tsima nitöda. A'uwẽ mreme iwẽ uptabi. Marĩ da bété taré tihöiba. Rob'udzé wawẽ ama hã, totse na te A'uwẽ Uptabi 're höimana dza'ra, tihöimana dza'ra duré timreme na. Rowatsu u dza 're höimana dza'ra ihöibaté norĩ dzö te te waihu u dza'ra mono da. Ta dza hã, tare ödí rowatsu u nhihödö hã, danhimi dza'retse wẽ na dza ama 're da höimana dza'ra. Dahöimana pré dumdzé hã, a'uwẽ Uptabi norĩ te hã, aimawi prub'a hödi piredi. Ihö'a ma duré da ãma aime, damreme waihu u dzémna hã. Itsihö na ma, manha wapu na da. Itsitsi hã Bartolomeu Giaccaria. ãme ma ihöibaté waihu u dza'ra itsöre hã, iwẽuptabi ma, da ma rowẽ petse aihini nori ma. Wa höimana dzé pibui wẽ, tsawi petse na, ãma da toi'ãna. Da höimana dzé ãna hã, taré hã, niwa hã. Wa höimana dzé hã wa, waihu u dzé.

Itsihötö norĩ-nhitowa dzé: Rowatsu u Mahörö; A'uwẽ Uptabi; norĩ te hã.

RESUMO

A dissertação "Narrativas Originárias do Povo Xavante em Mato Grosso" apresenta como ocorre o processo de história do povo Xavante, tendo como pano de fundo a realidade do Estado de Mato Grosso explorando o processo histórico do povo Xavante, contextualizado na realidade do Estado de Mato Grosso. E para isso, foi analisado no projeto de pesquisa, com profissionais, os anciãos na escola São José-Sangradouro, foram aplicadas histórias na forma de comentários aos professores alfabetizadores e procurando mostrar uma visão que estes têm sobre o processo histórico do povo Xavante. Este trabalho coleta informações em rotina de trabalho e no esclarecimento de eventuais dúvidas. A importância abordada evidencia o compromisso na melhoria de ensino aos alunos indígenas na valorização do seu povo Xavante. O objetivo da pesquisa é melhorar o ensino para os alunos indígenas, valorizando a cultura Xavante por meio das narrativas. A pesquisa mostra a história da chegada do povo Xavante ao estado, destacando momentos importantes e transformações culturais ao longo do tempo. Ao abordar a educação indígena Xavante, destaca-se a importância da preservação da língua e cultura, bem como a contribuição do Padre Bartolomeu Giaccaria na alfabetização em língua Xavante. A pesquisa oferece uma reflexão sobre a identidade e os desafios enfrentados pelo povo Xavante, ressaltando a importância da educação diferenciada e intercultural para a promoção do desenvolvimento comunitário e o fortalecimento da identidade étnica.

Palavras-chave: História do Xavante; Comunidade Indígena; Narrativas.

ABSTRACT

The dissertation "Original Narratives of the Xavante People in Mato Grosso" presents how the process of history of the Xavante people occurs, with the reality of the State of Mato Grosso as a backdrop, exploring the historical process of the Xavante people, contextualized in the reality of the State of Mato Grosso. And for this, it was analyzed in the research project, with professionals, the elders at the São José-Sangradouro school, stories were applied in the form of comments to the literacy teachers and seeking to show their vision of the historical process of the Xavante people. This work collects information in routine work and to clarify any doubts. The importance addressed highlights the commitment to improving teaching for indigenous students and valuing the Xavante people. Xavante culture through narratives. The research shows the history of the arrival of the Xavante people to the state, highlighting important moments and cultural transformations over time. When approaching Xavante indigenous education, the importance of preserving the language and culture stands out, as well as the contribution of Father Bartolomeu Giaccaria to literacy in the Xavante language. The research offers a reflection on the identity and challenges faced by the Xavante people, highlighting the importance of differentiated and intercultural education for promoting community development and strengthening ethnic identity.

Keywords: History of the Xavante; Indigenous Community; Narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
HISTÓRIA DO POVO XAVANTE NO ESTADO DE MATO GROSSO	16
EDUCAÇÃO INDÍGENA XAVANTE	23
NARRATIVAS XAVANTE	25
NODZO WATSU U WAI'A TSI PI'Õ	25
HISTÓRIA DO MILHO XAVANTE	26
UMA MULHER CONSIDERADA CORAJOSA (WAI'A TSIPI'Õ)	26
AIREPU DURÉ WATSI WATSU U	28
O RAPAZ E A ESTRELA	29
PARINÃ'A NORĨ WATSU U	30
RAPAZES CRIADORES	31
PI'Õ TI'RA NATSI TSAPRÕ UDZU DZO	33
MÃE DESAVERGONHADA	34
MATERIAL DIDÁTICO	34
EM LÍNGUA MATERNA	35
HÕ A WATSU U	35
EM PORTUGUÊS	36
HISTÓRIA, MITO	36
CORUJA QUARDA NOTURNO	36
HISTÓRIA DA ONÇA	37
HU U WATSU'U	37
HISTÓRIA DA ONÇA DOMESTICADO	38
HISTÓRIA: A GUERRA ENTRE TSIRÊTEDEWA E XAVANTE	40
A GUERRA ENTRE TSIRÊTEDEWA E XAVANTE	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
SABEDORES ORIGINÁRIOS	45

INTRODUÇÃO

A dissertação "Narrativas Originárias do Povo Xavante em Mato Grosso" apresenta um estudo da história e cultura do povo Xavante no estado de Mato Grosso, desde sua migração até os dias atuais. A pesquisa se baseia em relatos de anciãos, entrevistas com professores indígenas e análise de documentos históricos, tecendo uma narrativa rica e detalhada da trajetória desse povo.

O estudo traça o caminho percorrido pelos Xavantes desde suas terras ancestrais em Goiás até sua chegada em Mato Grosso. A travessia do Rio Araguaia é um marco central na narrativa, destacando a força e resistência do povo Xavante diante dos desafios encontrados. A divisão do grupo em Xavante e Xerente, devido ao medo do Boto Branco, é um elemento importante para compreender a diversidade cultural dentro da etnia.

A pesquisa aprofunda-se na história das diversas aldeias Xavante em Mato Grosso, desde Tsõrepre e Marãwatsede até Sangradouro e São Marcos. A formação de cada comunidade demonstra a capacidade de adaptação e organização social dos Xavante.

O contato com os missionários Salesianos em Sangradouro em 1957 é uma marca na história dos Xavante em Mato Grosso. A relação com a missão é marcada por um processo complexo de adaptação cultural, aculturação e resistência. A escola Salesiana, com seu internato e imposição da religião católica, gerou tensões e desafios para a preservação da identidade Xavante.

Apesar dos desafios impostos pela missão Salesiana, a educação se tornou uma ferramenta fundamental para os Xavantes. A partir da década de 1980, a comunidade indígena reivindicou uma educação mais contextualizada e valorizadora de sua cultura. Atualmente, a escola indígena busca assumir um papel protagonista na reafirmação da identidade Xavante e na defesa de seus direitos. A pesquisa destaca a importância da preservação da memória ancestral, da valorização da cultura indígena e da luta por uma educação intercultural que fortaleça a identidade Xavante.

HISTÓRIA DO POVO XAVANTE NO ESTADO DE MATO GROSSO

Nesta dissertação, apresentamos e problematizamos os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre a chegada do povo Xavante indígena no Estado de Mato Grosso, assim como um estudo sobre as concepções que permeiam os sentidos prático-pedagógicos dos professores indígenas. Existem diversas teorias que procuram compreender e explicar os caminhos da história do povo Xavante, e no processo de ensino, a narrativa da chegada dos Xavante ao longo do tempo tem conquistado territórios em Mato Grosso.

Neste sentido, a pesquisa procurou investigar a chegada do povo Xavante indígena não como uma visão externa à realidade, mas sim como uma inserção nela, buscando percebê-la em suas múltiplas relações, facetas e significados. Para compreender melhor a história do povo Xavante, é necessário investigar qual concepção histórica sustenta as práticas dos professores ao ensinarem a história e a escrita da chegada dos Xavante no Estado de Mato Grosso.

No sentido de compreender melhor esse processo, foi utilizada uma metodologia que revelasse a realidade vivenciada pela comunidade indígena quando os professores indígenas que estão à frente do processo educacional, permitindo ao pesquisador obter o maior número de informações acerca da temática observada.

O campo da pesquisa foi em uma Escola Estadual Indígena São José 1º e 2º Graus São José – Sangradouro/MT, que atende alunos indígenas da aldeia Sangradouro e que são advindas das mais variadas localidades.

Os povos Xavante indígenas viviam em uma localidade do estado de Goiás, hoje reconhecida como Goiás Velho. Existe um lugar conservado onde eles moravam em Goiás. A população Xavante era muito grande naquela época, e eles vinham e formavam lugares para ficar, morar, em um lugar adequado e fixo onde faziam roças e caçavam, mas também realizavam viagens longas. Em certo momento, encontraram o Rio Araguaia, no Vale de São Felix, na divisa entre Goiás e Mato Grosso.

Assim, começaram a atravessar o Rio Araguaia, utilizando madeira seca para atravessar e transportar objetos, crianças e idosos. No entanto, durante a travessia, depararam-se com o Boto Branco, o que os fez recuar por medo, interrompendo a travessia. Aqueles que optaram por não prosseguir recomendaram aos seus parentes que cuidassem bem dos familiares que ficaram para trás e lamentavam emocionadamente o distanciamento dos filhos ou irmãos. Muitas pessoas decidiram não continuar a travessia devido ao medo do Boto Branco.

No entanto, aqueles que ficaram para trás seguiram seus rastros por onde passavam. Agora, surge a questão: os que ficaram para trás são índios Xavante, e aqueles que atravessaram o Rio Araguaia também são índios Xavante? Esses que ficaram para trás foram a outro rumo e, cada vez perdendo cultura, transformando dialeto, diferente maneira de falar, segundo um ancião, senhor **Alexandre Tsereptsé**¹.

Quando se encontram em cidades, principalmente em Brasília ou Goiânia, é possível observar conversas entre **Xavante** e **Xerente**. A língua materna utilizada pelos **Xavante** é considerada incorreta pelos **Xerente**, que afirmam que sua própria língua materna está correta. Isso levanta a questão: onde estão os povos **Xavante** que ficaram para trás por medo do boto branco? Foram exterminados? Para onde foram? Aqueles que não atravessaram foram aqueles que foram entendidos e modificados pelo nome **Xerente**. Ao percorrerem o território Xavante em Goiás, encontraram os **Tapirapé**, **Carajá** e **Kaiapó**. Não havia Xerente, então o nome Xavante foi alterado para Xerente pelos colonizadores. Na verdade, são povos Xavante, e a alteração na forma de falar demonstra a verdadeira mudança.

Os Xavante falam "**caçula**" como "**Tsare**" e os Xerente falam "**Sacrê**", outro exemplo: os Xerente dizem "**branco**" como "**waradzu crãre**", enquanto os Xavante dizem "**waradzu**" ou "**Tsiroma**". A cultura dos **Xerente** é diferente e ao longo do tempo foi se perdendo. A cultura Xavante foi preservada e conservada, com os anciãos habilmente mantendo suas tradições vivas em suas mentes. No entanto, ao se deslocarem para outros lugares e construírem aldeias, sempre provisórias, os rituais ou festas são sempre lembrados e realizados para o futuro. Sempre há uma visão clara, iluminada, mostrando o caminho para diferentes lugares.

O povo Xavante, ao chegarem ao estado de Mato Grosso, formaram a aldeia **Tsõrepre**, **Marãwatsede**, que é o primeiro território dos povos Xavante, onde antes não havia fazendas de latifundiários. Os povos Xavante habitavam esse território há muito tempo. Enquanto outros grupos decidiram seguir em frente em busca de novos territórios, como a aldeia Pimentel Barbosa, tradicionalmente denominada **Etênheritipa**. Esse grupo Xavante foi liderado pelo **Pahiri**, sendo o primeiro a encontrar o branco Chico Meireles. Chico Meireles e outros colegas levaram objetos para os índios, como panelinhas avermelhadas, bonés e roupas, e fundaram a aldeia **Areões**, que hoje faz parte do município de Nova Xavantina.

Esse grupo Xavante foi o primeiro a ter contato com não índios nas margens do Rio das Mortes, onde trocavam arco e flecha com os brancos. Eles desenvolveram amizade com os

¹ Para a escrita de palavras na língua xavante dentro do texto em Língua Portuguesa o pesquisador optou pela fonte em negrito para marcar a importância dos termos dentro da comunidade indígena Xavante.

índios Xavante, pacificando-os. Antes disso, os Xavante haviam matado dois missionários por rivalidade e desconheciam a importância do trabalho que os missionários estavam realizando, buscando apoio para os necessitados. Não foi por causa disso que os missionários abandonaram os Xavante, mas seguiram em frente em busca de fiéis, inicialmente sendo confundidos como brancos comuns, embora fossem religiosos católicos, nobres e parceiros do governo. Somente depois reconheceram que eram missionários evangélicos.

Os Xavante viviam na aldeia **Rituwawẽ**, que agora é a aldeia São Jorge, mas que era o antigo território dos Xavante. Era a única aldeia Xavante no estado de Mato Grosso. A aldeia **Rituwawẽ** era muito grande e tinha uma população maior na década de 40. Os descendentes do **Butsé** estavam presentes nessa época, como **Tsihörirã** e **Pahöriware**, que eram irmãos. Os povos realizavam seus rituais nesse local, como a festa do segredo dos homens, a furação de orelhas, a corrida da tora de buriti, a iniciação dos adolescentes, entre outros. A convivência dos Xavante durou muito tempo nesse lugar. O grupo **Hotorã** realizou ritos de furação de orelhas nessa aldeia **Rituwawẽ**, sendo a última festa realizada ali, após decidiram construir novas aldeias para aqueles que tinham planos para conquistar uma vida melhor.

Assim, cada grupo formou sua própria aldeia: o grupo de **Ahöpöwe** formou a aldeia **Parawadza'radzé** em Couto Magalhães; o grupo **Tsôwa'õ** formou a aldeia **Önhidu** em Culuene; o grupo **Tserematse** formou a aldeia **Itehudu** em Batovi; e o grupo de **Tsihörira** formou a aldeia Parabubu. Essas aldeias foram construídas no início do século 40. A aldeia construída no início que antes era só uma aldeia **Rituwawẽ**. A aldeia original, **Rituwawẽ**, foi transformada em várias aldeias ao longo do tempo. Na década de 50, o grupo de **Ahöpöwe** seguiu em direção a **Meruri**, onde havia a etnia **Bororo** passando a conviver com missionários e culturas diferentes. Os Bororo compreendiam a língua de não índio, participavam da religião, cantavam e rezavam na língua de não índios, pois já estavam há muito tempo com o não índio.

Enquanto isso, o grupo de **Tsihörira** permaneceu na aldeia **Parabubu**. Todas essas aldeias tiveram contato com os brancos em algum momento, incluindo Culuene, Batovi, Pimentel Barbosa e Areões. No entanto, o grupo de **Ari Rupawẽ** buscou novas aldeias no território dominado por eles e suas famílias. Até que um ancião foi banhar no rio, de repente apareceu alguém dizendo a ele, leve seus filhos, netos, siga o caminho mostrado até chegar no lugar indicado, pois alguém os esperava. Essa pessoa estava atrás de uma árvore, não se manifestou aparecia somente o rosto. Imaginaram que talvez fosse um anjo do Senhor clamando para sair deste lugar e deixando aquilo que tinham.

Naquela época teve realização de festa o “**Segredo Dos Homens**” na aldeia **Parabubu**, iniciante era o grupo **Abare u**, de adolescentes todos participaram desses ritos. Mais, no outro

dia apareceu um avião na região de aldeia **Parabubu** voando em cima dando volta jogando roupa velho e, a partir daí surgiu doença contagiosa sendo: coceira, febre, diarreia, dores nos corpos e dor de cabeça. Essas foram as primeiras doenças a afetarem o povo Xavante no território da aldeia **Parabubu**, no município da cidade de Nova Xavantina, no estado de Mato Grosso.

Após dois anos, ao término da festa do Segredo dos Homens dos adolescentes **Abare'u**, ocorreu um ataque liderado por bandeirantes brancos com a presença dos Bororos. Eles seguiram o rastro dos Xavante até chegarem à aldeia. Nessa guerra contra os Xavante, morreram muita gente. Eram 5:00hs da madrugada, depois o grupo de **Tsihorirã** e **Pahöriware** da aldeia **Parabubu** resolveram deixar aldeia em busca outra região para fundar uma nova aldeia, abandonando sua antiga morada com muita saudade. Resolveram parar em um lugar próximo a uma montanha para formar uma nova aldeia chamada **Ētērarébéré**, onde ficaram por dois anos, na década de 50, e que hoje é reconhecida como município de Nova São Joaquim-MT.

No entanto, durante esse período, dois anciões presentes com seus filhos e netos, chamados **Tserenhi'ômo** e **Ômôre** estavam lá. **Ômôre** faleceu na aldeia **Ētērarébéré** e às 8:00 da manhã, todos os filhos choravam, sentindo muita saudade, até mesmo os netos choraram. Ele morreu de feitiçaria por uma mulher, sofrendo dores no corpo, febre muito alta e dor de cabeça, não resistindo antes de contar ao irmão que viu pessoalmente ela, chamada **Höibébé**, irmã de **Datorore**, os filhos de **Ômôre** revidaram contra a mulher feiticeira e a mataram. Esses acontecimentos se deram por causa da feitiçaria envolvendo o ancião. Agora, resta apenas um ancião descendente de **Tsihorirã** e **Pahöriware**, que é **Tserenhi'ômo**, conduzindo o grupo liderado por **Dutsã Tseredzati**.

Mas, houve dois anciões, presente com os filhos e netos eram: **Tserenhi'ômo**, **Ômôre**. O **Ômôre**, faleceu na aldeia **Ētērarébéré**, as 8:00hs todos os filhos choravam sentiram-se muito saudade até os netos choraram. Ele morre de feitiçaria por uma mulher sentia dores no corpo, febre muito alto, dor de cabeça não resistiu e, ante de morrer contou para o irmão que viu pessoalmente ela. Sendo o nome dela é **Höibébé** irmã de **Datorore**. Porém, filhos de **Ômôre** revidaram contra mulher feiticeira e mataram. Mas, isso aconteceu por causa de feitiça o ancião. Agora resta um ancião descendente de **Tsihōrirã**, **Pahöriware**.

E ficou vivo só **Tserenhi' Ômo**, conduzido grupo pelo **Dutsã Tseredzati**, dessa vez decidiram de prosseguir viagem para o lugar indicado, viagem feita a pé é muito dolorido e chegaram a margem de Rio das morte. Avistaram o não índio (branco) que havia casa dele próximo do Rio das Morte, gritou ancião de vir buscar eles e veio. O primeiro era levar adolescentes, um ancião a outro lado do Rio e, depois as famílias. O transporte era de barco às

5:00hs da tarde. E ficaram na fazenda dormiram até amanhecer, com o café da manhã são atendidos muito bem pelo dono da fazenda Senhor João. A amanhecendo, bem cedo, pouco minutos partiram a direção de **Meruri** onde estão etnia **Bororo** e **Xavante** grupo de **Ahöpöwê**. No entanto, retrocederam voltar a um lugar, fundar uma aldeia dominado com o nome **T.I São Marcos**.

A pós, seguiram sua viagem a direção indicado e durante o percurso desses povos havia morte do idoso, adultos e crianças. Assim, seguindo viagem chegaram no Paredão e descaçaram, meia hora. Depois, continuaram mais uma viagem até chegar numa subida próximo de **Sangradouro**, descansaram até ali. E finalmente foram chegando, aproximaram cada vez mais e descansaram de baixo de uma árvore de jatobá. E vinha ao encontro deles clérigo e, não índio. Mais, até que enfim foram caminhando até o lugar com o destino de encontrar salesiano o ancião abraçou e disse é essa pessoa quero encontrar Ihô'a Papa. O Pe. Bruno falou para eles de construir casa perto da etnia Bororo, mais, o ancião não aceitou de ficar junto com eles.

E disse para morar 1000 metros com famílias e, o Pe. Bruno aceitou, mandou eles de formar casa o lugar escolhido por ancião. Foram bem recebidos pelo Missionário Católica sem confusão. O grupo de **Tsihorira**, **Pahoriware** não vinha fugindo de medo ou por a caso. No entanto, eles são valentes, habilidoso, generoso e sempre manter a paz e harmonia com todas as comunidades. O primeiro contato com os Salesianos do povo Xavante foi um relevante evento no dia 24 de fevereiro de 1957.

Os Salesianos a colheram e esperaram com mãos aberto a receber povos Xavante. São trinta famílias que chegaram em Sangradouro, onde vivem etnia Bororo, não índio. E logo foram catequizados e alfabetizados. Nessa época teve internato, os Xavantes ficaram junto com o filho de posseiro são 8 alunos não índio e, 08 alunos indígenas. O professor proibia de não falar com língua materna só falar em língua portuguesa. Mais o Xavante a prendeu canto em latim com salesiano. A compreensão ambos era difíceis, pois expressão é diferente da outra e aos pouca foi melhorando em relação do estudo. A comunidade xavante fazia os trabalhos para os Salesianos formando roça e plantando milho, cana de açúcar, mandioca, banana e outras. E os salesianos pagavam com comida e roupas. Só depois conseguiram pagar com dinheiro. O trabalho era em dois períodos, e era sofrido, faziam de tudo para eles. O Xavante foi **controlados** pelos missionários de Sangradouro, eles precisavam obedecer quando mandavam, principalmente na catequese e no trabalho.

O primeiro cacique de Sangradouro foi **Zeferino Dutsã Tseredzati** naquela época, comandava a comunidade com confiança, responsabilidade, coerência e generosidade. Ao

chegar grupo de **Ari Bueno Rupawê**, o ancião reuniu sua família para tratar sobre cacique que poderia transferir por solicitação de clã oposto. Todos aclamaram a aceitação para o pedido do ancião e assim **Ari Buenos Rupawê** tornou-se Cacique. E **Zeferino Dutsã Tseredzati** continuou sendo vice cacique.

O contato com a missão Salesiana de São José/Sangradouro deu-se sob influência do contexto político interno pelo que passava a sociedade Xavante. Porém, esse dinamismo político era expresso por disputas e alianças entre facções interna que tinha por núcleos uma linhagem ou uma associação de linhagens apresentadas. No relato de **Lucas Ruri'ô**, lembrando o seu pai, líder **Alexandre Tsereptsé**, destaca-se como a escola foi introduzida na sociedade Xavante. O trecho a seguir foi transcrito por inteiro, para melhor compreensão dos sentimentos de um ex-aluno interno.

“O grupo Xavante que contatou com a Missão Salesiana de São José – Sangradouro – MT foi comandada pelo grande guerreiro e pacificador da aldeia Sr. Tsereptsé da família Tsihörirã – Cicatriz, branco, correndo no dia 24 de fevereiro de 1957.”

O xavante foi recepcionado com muita festa e dedicação pelo Salesianos que viviam e trabalhavam com os Boe-Bororo e alunos brancos, filhos de posseiros, que moravam na redondeza da Missão Salesiana de São José/Sangradouro. Passando três dias, um grupo de adolescentes da classe de idade **Abare'u** (Pequi fruta do cerrado), foram recolhidos de casa em casa e levados para o internato no meio dos Boe-Bororo e brancos. Toda noite, o meu pai, **Tsereptsé**, chorava de saudade e no outro dia ele ia à missão para nos visitar e matar a saudade. Eu choro, quanto lembro das lágrimas que papai deixava cair no chão...Desta forma, os **Wapté** (adolescentes) foram jogados no meio dos Bororo e dos brancos que moravam e estudavam no internato de Sangradouro.

Os grupos de jovens passaram muita dificuldade para desvendar, entender e aprender os primeiros códigos da escrita, sabendo que ali existia três culturas totalmente diferentes uma da outra. Com o passar dos anos os primeiros Xavante foram removidos para uma sala isolada dos colegas no qual começaram dialogar entre eles na língua que eles bem entendiam. Começaram aprender as primeiras letras alfabéticas, comoveram os olhos dos professores Salesianos daquela época.

A presença do meu pai era muito importante, pois despertava o nosso espírito Xavante, fortalecendo-nos a suprir a nossa dificuldade para aprender a ler e escrever, a língua portuguesa. Quando aprendemos ler e escrever, fomos obrigados mergulhar no mundo da religião católica, rezando na igreja e na sala de aula, antes e depois de comer, aprendemos latim e começamos a gostar, porque o incentivo e imposição eram muito fortes pelos professores e professoras

salesianos. Assistíamos filmes religiosos sobre os santos beatificados pelo papa. A partir da década de 1980, a escola Salesiana começou perceber que sistema adotado por eles já não correspondia a realidade, precisando readequar a filosofia e metodologia da época do primeiro contato e que era favorável aos brancos que estavam naquela escola.

A aprendizagem da leitura e escrita tinha como objetivo claro: - a catequização dos Bororo e Xavante. (Depoimento de **Lucas 'Ruri'õ**, p. 45, 46).

Os Xavantes passaram a depender de suprimentos externos outrora desconhecidos. Hoje apresentam com firmeza a defesa da preservação de sua identidade cultural e o atendimento de suas reivindicações junto às autoridades. Atualmente a escola tem um papel fundamental, de reafirmação étnica e de instrumento de defesa de seus interesses. Buscam assumir gradativamente o espaço educacional e estabelecer um novo encaminhamento para a educação escolar indígena, coerente com o seu modo de ser **A'uwe** - povo autêntico.

EDUCAÇÃO INDÍGENA XAVANTE

Após dois anos de preparação temos a alegria de apresentar a nova versão da Cartilha de Alfabetização em Língua Xavante, de autoria do Padre Bartolomeu Giaccaria, a toda comunidade Xavante e não Xavante que fazem parte deste município. A primeira versão foi apresentada em fevereiro de 1976 e mais de quatro décadas depois, esse material retorna em uma nova realidade, novo panorama social, porém mais viva e tão ou mais necessária que antes considerando a franca exploração populacional do povo Xavante (A'uwẽ Uptabi) no decorrer dos anos.

Padre Bartolomeu Giaccaria sempre realizou a importância da presença de monitores Xavantes que o auxiliou desde o início na elaboração, correção e complementação do material. Como passar dos anos ela foi adequada, revisada e atualizada seguindo a convenção ortográfica da língua Xavante.

A representação gráfica da Língua Xavante foi estabelecida em uma convenção realizado nos dias 28 de junho a 03 de julho de 1976 em um encontro promovido pela FUNAI, nele estavam presentes várias instituições e principalmente Xavante de todas as terras indígenas existentes nas aldeias: Pimentel Barbosa (1), Areões (1), Sangradouro (6), Kuluene (4), São Marcos (11), Marechal Rondon (1), Salesianos SDB (7), FUNAI de Brasília (2), Museu do Índio do Rio de Janeiro (RJ) – linguistas brasileiros e antropólogos (2), SIL (Summer Institute of Linguistics) Americanos (3). Esta convenção gráfica tem como referência a gráfica da língua portuguesa, incluindo, porém, algumas peculiaridades.

De acordo com a Constituição Federal de 1988 os povos indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a Legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Melhor do que ninguém, Pe. Bartolomeu Giaccaria, carregado de conhecimento humano, histórico, linguístico e pedagógico soube infundir nesses conteúdos o universo cultural do povo Xavante. Nesse sentido, podemos dizer que;

- O material apresenta conteúdos que valorizam e resgatam a cultura e as tradições partindo de elementos conhecidos e familiares;
- A Educação Xavante parte do ensino concreto, ensina-se fazendo e aprende-se fazendo;

- Experiências comprovam que alfabetizar as crianças Xavantes, primeiramente na língua materna, facilita e acelera o processo de alfabetização na língua portuguesa:
- Diferentemente do nosso ensino tradicional, que inicia a alfabetização com vogais, sílabas até chegar às palavras. Esse material, parte do ensino de palavras, às quais algumas vezes pode ser representada por uma única letra. Por isso, em pouco tempo, frases já são elaboradas.

Faz-se, portanto, necessário que a Língua Xavante falada seja firmada para dar suporte e sustento à cultura, ser instrumento de resistência diante de uma dominação cultural nitidamente planejada em vista de um nivelamento que elimina toda a originalidade étnica linguística.

Para o destemido povo Xavante, esperamos que sirva para o reconhecimento da riqueza de sua língua, num conceito errôneo chamada de primitiva, mas no verdadeiro sentido, original. Não há culturas ou língua superiores ou inferiores. Valores devem ser reconhecidos.

NARRATIVAS XAVANTE

NODZO WATSU U WAI'A TSI PI'Õ

Duré hã, ma Wai'a Tsi pi'õ Nodzo matsã. Watébrémi ma, te tinha i'rada te ti na ma nharida, Iteme te tsapri da. Iteme, ma tsapri e, marĩ mama Taré wa te, ama atsohö, té tare natsi tsada wahatu 'Rere hã. tsabu dza'ra da. Tame te oto, tsiptsi, Tsi, U're, tsa napré. U'rei pa, tsi'õno ti'o, ãtsuru re. Mo oto, bododi wa 'rã. Ma oto tsi na rotete iteme. 'Re Re nori u, wi. Tame ma, wa pari dza'ra, imreme re hã u. Mitsi tsadanha Té taré we aimo; Ni'wa te wa ama ti dza'ra bo, ma we wateme aiwi. Mitsi ihi tinha, aimawi oto 're watsaihuri Mono, oto rob'rã natsi dza oto. Tame tama tiru, i a a hã, te Tama ti'ru idzopru te mã o rida. Taha pari oto tidu 'Ri teme. Há. Pi'õ ma ori pa. Ma ubu wetsui rã nã. Apo, ropi'ra 'ri u, wi abdzuma. Timro ma, Ma titsõ, wa hu tsadamri, to tsadadzeti tinha: Nodzo e niha wa dza Tsabu. Pé aimama da ma, ama tsapri na da te waihu u da. Mama pé waihu u atsa õmo ma hã, ti're, to tseti, Nodzo.

Ãme dza oto ãma, na'rata tso inemnahã. Ti a wẽ, mo tso nemo tsipo pa ra, a'õ wanhipti na, iwa õtõ mono bo. Nodzop Udzé, duré ipanhipti a'mo u hã; Nodzob'a, dure', itsã 'remhã Nodzo To pré, duré õni wimhã Nodzo a wawi, duré Nodzopto ore. Taha pari ma oto tsada tsawata, te natsi ma, ori pari. Te natsi apara. Te apara wi, natsi adzatsõ, to robõ ma, ama tsa êtẽ. A wẽ nhidopotsi natsi tso né. Tame, Pi'õ tinha timroma tsada tsinhoruda te petse da. Duré dza tama api. Pi'õ hã, tsa'êtẽ na dza ti'ra api. Ma parané tsada're u'êné ma, manha. E ihopo wawa re. Watébrémi dza oto imama petse, tsiptsi tsi pa. Taha pari dza tama roti, wa'rãiba te te 're romhomo da, tsitsababa te nomri mo da nodzo u'ênẽ hã. Duré tama tinha, niwa, aiwi tsohowamhã tama ori. Ãné, watébrémi hã itsimidzaretse tsiro. Watébrémi hã oto te're romho wa'rãiba, time dza waptãrã, taha pari, dza tsomo, ti o dza apo, duré dza ti'rẽ, apo dza tihi, ti'a.

É!, e marĩ te, te 'réné watébrémi hã, e ma hã, õhõ ta, dza ti'rẽ, apo dza ti'a tihi. Tame dza, da nhito u itsãmrã ama ma ho, te tama rudza'ra wa te tiwi waptẽ rẽ da. We ori pé te aima tsabu da, Watébrémi tama ti'o, ti'rẽ, to tse ti, Tsadaré. Tame tsiwi waptẽrẽ, aihini ma to téwa dza'ra. Oto tama mo Watémrémi nhorõ wa'u. danhiwari te tama wẽ'ẽ, natsi wairé apo ri 'u. Tsi a baré wamhã te tsima, marohoro dza'ra, oro te Ritéiwa ai'abaré e ma hã, õ ta te ai'abaré, marĩ te morĩ tsina te te 'réné dza'ra. Uburé ma oto itẽme da tsito, tsadaré u, natsi te a paradzé ma te a nho.

Duré, ti a wẽ, da dzo warã ma, itẽme da tsito, roti manha a tema da te waibu mono da. Ihi norĩ dze ma te aibaré a tema nhere, u'wawiré, tsi'õtõ're re i'a dzo. Uburé ma tso tsiwadze, da tsai'õré wamhã nemo ma te tsibu. Ame ma Nodzo hã watobro. Tsi norĩ tsi te ama 're hoimana dza'ra,

ta norĩ te hã, Nodzo. Mitsi Pi'õ itsib'ru ma te manhopêtẽ nodzo, 'Rêre nho. Ane ama tsiwi tsitsi "Wai'a tsi Pi'õ romtsãmri'wa". A'uwẽ Uptabi te hã te a ré, re hoimana duré hã, ta dza hã ma, ai'utõ. Babadi.

HISTÓRIA DO MILHO XAVANTE

UMA MULHER CONSIDERADA CORAJOSA (WAI'A TSIPI'Õ)

Antigamente os Xavantes não tinham comida, eles se alimentavam de raízes sendo; **Wededu**, **wo'ori'rê**, **Patede**, são essas. Porém, só mais tarde surgiu o milho que foi encontrado por uma mulher muito corajosa. Um homem falou para seu neto avisar sua mãe para vir a sala para conversar com o pai.

Ao encontrar o seu pai. Ela perguntou:

- Pai quer fala comigo?

O pai responde:

- Sim, você vai ao encontro dos periquitos, dos papagaios para ver o porquê eles estão cantando sempre naquele lugar, veja o que está acontecendo. Vai lá ver.

O pai começou a amarrar nos pés e nos braços, a cordinha e pintou o abdome e as costas. Ao terminar ela saiu com cesta menor e foi atravessar o caminho aonde todo mundo ia. Era na parte manhã e, chegou às 11horas. Ela chegou no local, onde ficavam os periquitos e os papagaios, até que um deles falou com ela:

- Como veio até aqui, ninguém tinha coragem e você teve coragem de nos encontrar. Agora em diante vamos nos alimentar somente com frutas e vocês podem levar os milhos.

Assim, acabando a conversa, a mulher corajosa recolheu milho que havia no chão seguindo a ordem recebida pelo ancião. Toda vez que recolhia milho embrulhava numa folha e colocava dentro da cesta para levar para a casa. Chegando em casa entregou para o seu marido o embrulho de milho, ele desembulhou, cheirou e disse: - É milho. Logo em seguida, disse para a sua esposa levar para o seu pai.

Quando entregou ao pai, ele comeu e disse:

-É saboroso. E é milho. Depois da manhã começou a busca de milho para trazer novamente para casa. Lá, que vai descascar e antes disso preparou dois varais para estear milho dando e em volta tinha um depósito para guardar e consumir os milhos.

Assim, toda manhã buscava milho de vários tipos; milho marrom, milho vermelho, milho pintado com variação, milho branco, milho de olho vermelho, milho riscada, milho violeta. Os milhos eram bonitos de tantas cores que existiam.

Os milhos eram plantados num galho de jatobá sendo que os donos eram os periquitos, os papagaios e os macacos. Depois a esposa falou ao seu marido de preparar corda e pintar, porque ela ia preparar o bolo de milho. No dia seguinte, o marido pintou a criança, deu-lhe conselho:

-Você vai atirar dois pedaços de bolo no centro onde os anciões se encontram. Depois vai buscar um pedaço do bolo para comer. Assim se, alguém pedir leve para ele.

Os anciões acostumam sentar-se em círculo, e, um deles percebeu que a menino estava comendo alguma coisa. Chamou atenção dos seus colegas:

- Olha, o que o menino está comendo? Vejam que ele joga e depois pega e coloca na boca. Ele está comendo alguma coisa

Uns dos anciões pede para trazer para ver e saber o que é:

- Menino traga para mim. O que você está comendo?

O menino levou para uns anciões com muita alegria e ele começou a comer e dizer que era gostoso e afirmou que era milho. E foi passando para outros e, todos experimentaram e, falavam que era gostoso. A partir dali, foram para casa seguindo menino até sua casa e, entraram.

A mãe do menino cortou o bolo em fatias para entregar aos visitantes, cada um recebia a fatia de bolo e saíam para fora da casa. Toda comunidade recebeu espigas de milho que era guardada de semente.

No dia seguinte todos se encontravam no centro da aldeia e mulher chama atenção a todos de pegar milho com jeito, devagar sem pressa. Diz que os milhos estão em galho de jatobá e foram buscar o milho que estava distante da aldeia. Saíam em fila e até os mais idosos da comunidade foram catar milho que estavam no chão, levavam cesta menor e cuia para colocar o que catavam do chão.

O milho Xavante era precioso para comunidade Xavante, antes era dos periquitos, papagaios e macacos que se alimentavam de milho. Só depois de ser tomada pela mulher corajosa **Wai'a Tsipi'ô**= mulher considerada **Wai'a**.

Para o Xavante o milho veio dos periquitos, do papagaio e do macaco. A plantação de milho foi aumentando cada vez mais. Agora, interessante como o milho acabou no meio do Xavante. Precisamos revitalizar o milho Xavante. Como? Quem pode? De que jeito? Onde buscar? Quem vai achar?

Sabemos que os alimentos vêm do fenômeno da natureza.

AIREPU DURÉ WATSI WATSU U

Duré hã, A'uwẽ norĩ dzomorĩ te 're nomro, romhuri te ama 're tsi utõrĩ maparané. Tame te ai'repudu dabawara 'Ri aimawi wa, HÕ na, itsi tsi hã. Rowa'rowa te dza rowi dabawara, tame dza natsi maparané hã, natsi tsima watsu u dza huré watsi hã, te natsi, tsima ama tiwata dza huré.

Watsi tãmõwatsé té. E mahã, õhõ ta te dza. Dabo tama tinha ihõiba'amo hã. Maredi, ta hã, tãmõ watsé té redi. Õhõ tsi, itãmõ wẽ. – Maredi, õhõ tsi itãmõ wẽ hã. Ané pari oto tsa'retse ãna, tinhotõ dza haré.

Tadza hã, dza watsi tsi'ra, aibõ tẽ me hã, natsi tsima ama wata petse wa, tama, ïwẽ na hã. Watsi hã, rĩtĩré tsi'rai'õdi, aibõ u hã. Tsõtõré ma, tsi'ra. Itsababa ma, nomro wawi ré. Dabo oto, a wẽ u, tsima dzatsi dza hu ré, 'ripara u. Tame te oto tsiré da'wa. Ti awẽ. Mararé oto, tso rob'é'é wa ãna dza tso tsatõ, ino hã tsomorĩ da we morĩ da tsada a'õ. Tama tinha, 'Repudu, e marĩ, adub'ratadzo aimorĩ, tame te tso mo. 'Repudu 'rame re ma hã, aimorĩ atsadzo. We õri ima ãwa. ãme te ino apomo, ma to marĩ madõ ti tãmõ na. Ti na u, wi tama rowatsu u, 'Rame pudu reme te niwa nomro wawi'ré. Óro te niwa nomro ime. Ihe, totsena wa madõ wawi'ré. Ame dza, ina mo te te madõ'õda tsi'uhõ na.

Ina itẽme witsi wamhã, te tsadanha. Oro u niwa, aime nomro dza, ainomahã, wawi'ré hã. Itsada wanhipetsere, niwa õdi. Babadi. Itsiwaptsi wa nomro. To ane wana hã, ino apo mori re, 'ri u. Ma tama rob'ru tsipti u, morĩ da. Dabo te mo, tsipti u wi, õne haré ma, wa'a wedena tsai u, nhamra itsitorowa. Aibõ tinõ ma tinha itsarina morĩ da, te tama ti'ru titsiwã te mã'orida te ama wede ta a da iré. Ame dza ama tama atsanho, ane dza ware wede ta a. AIWEDEPANA, AIWEDEPANA, AIWEDEPANA E, MA TO IWEDEPA DZA HUDU WEDERUTU REDI. 2X.

Ane pari ma oto itẽ tsai u, ime nhamra wa'a nhitoro re. Ire wede ta a tsore tsina. AIWEDEPANA...

Ma to tsina tipahõ petse, hõiwa tsina to petse. Ino romadõ hõimo há, tsãmri õ. Oto ino wara, wa'wa tsina, repudure we tsina 'rana, adzai, adzai, repudure we tsi'rana. Ti na norĩ u wi, wa'wa tsina. Ame te ina tsadanha e marĩ, repudure ama te ni'wa ama tsai u, hõiwa u. Oro te merẽ, ihe totsena. Wahu ama tsi u tõrĩ, a hõ. Ma we tsi'ra a põ, ubana we tsi'rai õdi, mo'õni ma we ã witsi, ti na norĩ ma. Hõiwa ama hã te 're da hõimana dza'ra. Da ré hã, a'uwẽ. Duré hã, rob'hõ te tama 'rehõimana dza'ra totsena.

O RAPAZ E A ESTRELA

Antigamente os Xavantes faziam caçada com sua família, todos participam adolescentes, padrinhos e anciões. Os adolescentes ficam numa casa separada de sua família. É a cultura social dos povos Xavante. Certo dia resolveram dormir fora de casa, pré-adolescente porque estava muito quente. E avistava as estrelas e um disse que aquela estrela é tão bonita e que havia gostado muito dela e queria que ela viesse e dormisse com ele. E outro colega disse que não é bonito só aquela estrela que está ao lado dela que é mais bonita do que ela. Disse que não, só aquela que é mais bonita, para mim. De repente começaram dormir e ninguém ficou acordado. A estrela desceu ao encontro do rapaz e tocou para acordar e disse ao rapaz para não falar alto e sim falar baixo. O rapaz acordou e perguntou: Quem é você? De onde veio? A estrela respondeu: - Sou estrela do céu, você me chamou para vir e descer. O rapaz respondeu: - Há agora lembrei, é verdade. E dormiram até amanhecer. A estrela se tornou uma moça recém-casada, bonita, riscada de cor de jenipapo, gente de outro mundo que ninguém imaginava e comparava. Olha, é um milagre as estrelas são gente que piscam e ao anoitecer parecem guarda noturno.

Agora de manhã, a mãe do rapaz sentiu falta de seu filho e disse assim: - Por que o meu filho não está vindo?

Então, pediu ao irmão mais novo para ir procurar o adolescente e avisar que a mãe estava chamando para tomar café.

Quando o irmão mais novo encontrou o adolescente, falou: - Vim porque a mãe mandou chamar para você ir em casa tomar café.

Adolescente respondeu: - Não melhor você trazer o café para cá, pode ser?

O irmão já percebeu e viu alguém deitada junto com ele. O irmão voltou para contar a sua mãe que alguém estava com ele. A mãe duvidou do seu filho e resolveu ir até o local de saber se era verdade o que o irmão contou para sua mãe.

Ela chegou e perguntou: - O seu irmão contou para mim, que alguém estava deitada com você. É verdade.

O Adolescente respondeu: - Isso é mentira dele.

Ele foi esperto porque antes da mãe chegar ele mandou recém-casada num lugar onde possui cabeceira e um pé de palmeira sentando-se no centro da palmeira. O rapaz chamou atenção no seu irmão e pediu para ele bater no tronco de palmeira e ensinou o canto para ele bater e cantar:

AIWEDEPANA, AIWEDEPANA, AIWEDEPANA E MA TO TI WEDEPA DZA HÁ DU WEDE RUTUREDÍ, APO, DURÉ; AIWEDEPANA, AIWEDEPANA, AIWEDEPANA....

O irmão subiu na palmeira e se sentou no centro junto com a companheira que era a estrela. Isso, após o ensaio para seu irmão bater na palmeira cantar. Assim, o seu irmão começou a bater cantando; AIWEDEPANA, AIWEDEPANA, AIWEDEPANA E GRITAVA E MA TO TIWEDEPA DZA HA DU WEDE RUTUREDÍ. Mas de repente olhou para cima e não viram mais, estavam no céu. Ele parou de bater na palmeira, começou a chorar e gritar, venha descer, venha descer não é possível que você foi para outro mundo. Ele correu, gritando chorando sem parar, sentiu falta do seu irmão.

Quando chegou em casa chorando perguntou a mãe o que aconteceu, meu irmão alguém levou para o céu não apareceu mais. A mãe sentiu dó, do seu filho mais novo e, pediu para acalmar que ele chegará novamente. Assim levou mais de anos e voltou para Terra onde morava, trouxe consigo cará (**mo'õni**) novidade para família, comunidade começaram plantar e expandiu-se a plantação de cará do céu. E perguntaram se tem pessoa no céu, respondia que sim, tem gente no céu igual a nós. E ele voltou para viver novamente junto às família e comunidade na terra que antes morava.

PARINÃ'A NORÍ WATSU U

Duré hã Parinã'a nori te 'rehöimana dza huré da tsiré. Imadö'ö wa tô A'uwê, waptémna te tihöimana dza huré, te re höimana dza huré da me HÖ 're. Õnõrĩ ma, röwi tsi tsi dza huré PARINÃ'A na. Tô tsi tsi, uptabi i ré hã te tama tihöimana dza huré, TSEREDZABDI na tsi tsi POREDZA'ÕNO, duré TSERE'RU na itsi tsi hã ÖWAWÊ. Ané itsi tsi uptabi te tama ihöimana dza huré. Ame, dza oto âma na'rata dza huré romhõtsina. Dzo morĩ u wa, da bo dza tsima nharĩ dza huré dadza u nemda. Tame dza tsima nharĩ dza huré, i'amo dza'u'e uptabi ihe, tane to, tiwahutu dza huré a tsamro danhitsi, tsima mahörö dza'ra. Dza'u 'e te atsamro ma, danhipa dza huré tô, aimawa a'uwê na. Tame dza anharĩ dza, huré. E marĩ, oro dza'u'e we, tsitsa mro dza âwa. Me oro, dza pe tsãmri'õdi, ro babadi. Õnõrĩ dza huré, nherê. Apõ ma tsi a'uwê dza huré. A'uwê norĩ te oto duré dzö mo, oto tsima ma dza dzô. Tame te duré ai'uté norĩ õ atsõ. Ta dza hã, ame dza duré, tsi manharĩ dza huré pe'watõ na. Tame te aima wa padzaibaba. Ai'uté norĩ tsima mahörö dza'ra é, pewatõ te aimawa. Tsiteme tsitsa're ai'uté norĩ hã, duré i'a hö nõrĩ hã tsiwi madö ma, tinhimi dzadze'ra pewatõna. Dabö höimo atsamro, pu rob'u. Da teme né, anharĩ

dza huré e, marĩ, pewatõ te aima wa a ré ã me. E ma hã ta tane wamhã. Ônorĩ nherẽ duré anharĩ dza huré, apõ ma, duré tsima manharĩ a'uwẽ na. Tame duré dzõ mo, awẽmnaã, Ĩ'amo a'oto uptabi, ihẽ ta há tô. Ame ma, duré poto dza huré a'odo hã. A'uwẽ norĩ tsaihu a'oto na. Ônorĩ hã ma, oto duré apotodza huré abahi hã. Ma, duré potodza huré, mõ'õni. Tahã pari oto potodza hure mõ'õni hõiré. Duré awẽ amo nahã tô dzõ morĩ ma, tsõ'a ma, nharĩ dza huré. A'uwẽ norĩ, tare natsi te uirĩ dza'ra e niha dza aiabaré. Taha pari, oto wapsã na tsi manharĩ dza huré. Danhiriti te putsĩ dza huré, daparana da te wabdzuri dza huré te te rowa ré dza huré dawĩ. Dabõ ma, duré potodza huré adzõ. Piniwawa a'uwẽ norĩ utsõ mridza'ra. Ônorĩ hã te te a ropotodza huré, aihini A'uwẽ ma. Iwẽ uptabi.

Duré ti a wẽ, a'uwẽ oto dzõ mo. Ame dza oto tsima nharĩ dza huré, ĩ'amo a ré hu u uptabi ihẽ tané tô. Da dza u aima matsitsi a'õ. Oto tame dza oto hu u tsi manharĩ dza huré, wairõ dza huré; Hu, Hu, Hu, HuHuHu... ane te wa wa dza huré. A'uwẽ norĩ ma, tama arã midza'ra. Ma tama tipahi dza 'ra, Hu u wa waima, taha wa te tsida uri dza'ra tsõ, mai'rĩ tĩ da te tsiwi waihu uda pé marĩ hã. Tame te tsõ ma, nomro bõdõdi dza baba. Ta dza hã ma, waihu u ti a'mo norĩ me hã, natsi aiwamnari dza huré Hu u na. Tõ tane pari dza aihima rowaihu u ti amo me, natsi itsi wamnari dza huré na hã Hu u na. Ta há pari ma, oto tsima tsa ré dza'ra te tsiwipãrĩ da te, rowamnari dza hu ré õré. Tô pipa te dzé ma. Ana ma, a'uwẽ norĩ hã romanharĩ dza'ra. Pe a'õ te tama ropibu dza'ra wa'õ hã te, marĩ a ré, a'uwẽ ma uburé 'rehõimana dza'ra a ré.

Ane te A'uwẽ norĩ, dzõ morĩ te 'remanharĩ dza'ra, tihõimana te ama a'mo da'ra duré tô toro wa. Romhuri dza ama tsiwaptõ, ta há pari dza apõ aihutu rowẽ tsina hã, apõ dza tsimitsutu 'rehõimana dza'ra. Oto dapoto te hã, te manharĩ õdi

RAPAZES CRIADORES

Antigamente os rapazes moravam junto com povo Xavante possuíam pai, a mãe adotiva, todos respeitavam tratavam com muito carinho até seus colegas, padrinhos e comunidade. O nome deles é **Parinãĩ'a**, eles mesmo diziam que eram inteligentes, e tinham sabedoria e o poder concreto do sonho. O **Poredza'õno** é denominado com o nome de **Tserezabdi** e o **Öwawẽ** é denominado com nome de **Tsere'ru**. Um dia a comunidade resolveu fazer caçada de três semana, pois é costume é tradição. E costuma realizar caçada no tempo de seca. Porém todos participa da caçada, isto é, **Dzomorĩ**. O grupo de adolescente que participa junto com a comunidade são muito importante, porque eles são futuros de conquistar sabedoria para vida social, povo

Xavante. Pois, tudo pode haver de acontecimento durante a caçada é uma forma de educação tradicionais para comunidade, principalmente para adolescente e crianças. Assim, é sempre manter costume, tradição, para o futuro da nova geração para que seja mantida por eles e não deixar, exterminar aquilo que é bom e importante. Certo dia resolveram ficar por último de todos os caçadores e começaram discutir de transformar em jaburu e o colega concordava: - Sim, vamos ser igual. Nesse momento começaram a voar em cima dos caçadores e todos gritavam que o jaburu estava voando em cima de todos, eram bonitas aves da natureza. Antes os caçadores elogiavam com animação alegria, contente. E ficaram à frente de todos esperando que chegava ao encontro deles.

Mas, eles se transformam de novo como gente e perguntaram à todos que houve vocês não viram o Jaburu voando para cá?

- Não. Não tinha nada! Na verdade, são eles que voavam por cima de todos. Ao mesmo tempo se transformam novamente de gente. Eles têm poder de fazer com própria sabedoria sempre auxiliado por alguém **Danhimite** (anjo do senhor). No outro dia fizeram outra parada e fizeram acampamento lá, as crianças banharam no rio e de repente apareceram dois peixes matrinxã ficaram na beira, viram as crianças que estavam dois peixes e, gritaram olha dois peixes estão na beira do rio. Venham ver depressa, venham ver é verdade estão aqui.

E todos correram para ver, até a comunidade viu e acreditou, pois tinham visto de perto. Os dois peixes foram para cima lá, saíram para fora do rio e foram até às crianças e perguntaram o que houve, tinha dois peixes aqui na beira do rio bem grande. Não sabiam que eles se transformaram em peixes. Pois, é, eles se transformaram em peixe e, de novo se transformam de gente. Tudo é segredo deles que ninguém imagina é, incrível. No dia seguinte todos os caçadores partiram para outro lugar e sentiam muito fome e, os dois saíram em busca de alimento trouxeram cará todos comiam, pois é saboroso e delicioso.

E criaram marimbondos de mel muito gostoso para todos. E todos comiam, chupavam mel milagroso de dois rapazes **Parinãĩ'a**. Os Xavante não sofriam de fome tudo sobrava, o alimento era encontrado na natureza, naquela época tinha abundância de comida rico, sem química tudo era natural e, o povo era sadio. No dia seguinte pensaram em se transformar em cachorro e concordaram, enquanto andavam na direção marcada para formar a aldeia provisória todos iam e, eles acompanhavam atrapalhavam as pessoas, chutava dando pontas e gritavam, berravam de dor. Mas, depois pararam, ficaram para trás e transformaram de novo de gente, pessoa humana. E no final disse ao seu colega vamos nos tornar como onça? Outro respondia: - Sim, vamos ficar como onça. E ao mesmo tempo disse ao seu colega, pode ir para frente e, disse olha para cá. O colega virou e viu que ele já era uma onça. Onça de verdade era a pessoa que se

transformava em onça. Eles murmuravam a noite como onça e todos ficavam com medo da onça. E um ancião mandou ver e saber se era onça mesmo, mas, algum foram esperar na trilha onde passava gente, escondido sem perceber. E acontece que os dois vinham como onça é ali que perceberam que os dois **Parinãĩ'a**. Neste momento toda comunidade decidiu que deveriam ser mortos, pois pode estragar a vida social e todos ficariam com medo. Marcaram o lugar certo para matar os dois **Parinãĩ'a** e esperaram, todos ficaram em silêncio. As onças perceberam que aconteceria alguma coisa com elas. Quando se aproximaram, pararam, ficavam quietos, iam devagar novamente até chegar no meio do povo Xavante, logo pegaram a onça, outro segurava o braço, deram cacetada e morreram. Eles não reagiram esperam que povo Xavante soubesse reconhecer a obra feita por eles. Podemos reconhecer o trabalho que tiveram com muito sacrifício que conquistaram para o bem do seu povo. Hoje em dia ainda existem o cará, bocaiuva, e outras alimentos da natureza saudável onde que não possui químico, agrotóxico que é prejudicial à saúde do ser humano.

PI'Õ TI'RA NATSI TSAPRÕ UDZU DZO

Duré hã Pi'õ natsi né udzudzo, tinhihudu norĩ da. Timro dza oto tsadhanha ti'ra tsi'airepudu te tsi're tsaproni da, udzudzo. Tame te imro tama tinha pé, te tsi're tsaproni da. Ame dza oto natsi tsapro ti'ra hã tsi're, udzudzo. Te natsi tsi're tsapro nipetse udzudzo, tama irowẽ ina ma hã. Ma duré ti'awẽ, tame duré tsapro udzudzo, tsiwaprotsi natsi tinemdzahure, wa'ru ãna, mararé dza né. Imro tsimi'ẽ'na te tso tsimi pari, te te tsapari dze. Duré timro na te rotsa'rata upai'õdi. Tadza hã awẽ dza duré tsaprõ ti'ra, udzu dzo. Ame dza oto, ãma wi rotsa'rata upa. E taré natsi tsapro ti'ra hã. Dabõ inõ ma rob'ru rĩĩ mono da, te tama tinha rĩĩ mono da, itsari na morĩ da. ãme ma, tsi ma wai'rebé te tinha itsari na morĩ da. Tadza hã morĩ hã itsari na, ma tsi manha Arãrã re na te wara. ãme ma, marĩ titsã Ti na hõibana hã. Tô marĩ ãna te tsi na ti hõimana watsété dza huré. Itsi tsiwi 're wara; paitó'ó, Pu, Pu, Pu, Pu,.. I na, ma tô waihu u A'uwẽ na, duré hã itsimi dza're, ãma romno. Tadza ma, ãma uwaimra. Te madõ'õ pari, titsu tsi a po te rowatsu u da timama ma. A põ ma, tsi manha A'uwẽ na. ãme te Timama rowatsu u. Mama e, bété taré te natsi tsapro né, te natsi ãma tihõiba. ãme ma Imama abru ta há da natsi tsaproni re, a'õ, we tsi ma tsitsi re. Waihi'rã tsada mãiwatsi tsi Ti'ra da duré Timro da. Ma, aimatsi oto Ri tẽmẽ, Aibõ ti'ra tsi ma pa'õ te te 'repré'é, waihi na te te tsi'ẽ. I na tinha mari wamhã, ãma rĩĩ nho'õmo wa ihi na. Ti'ra adzõri pa ti mé rob'u ipa nona. Oto I na hã, te te 'repré'é tô õné te ãma tsi'ẽ

waihi hã, toibö pari ti mé ipa nona, rob'u. ãme te oto né a ubuni u. Ni'wamnõĩ natsi hõiba pibu dza'ra te natsi itsa prunina hã Ti'ra.

MÃE DESAVERGONHADA

A mãe índia Xavante buscava cocô de buriti todos os dias para alimentar os netos e netas. Certo dia conversou com o marido, pois queria levar consigo seu filho menor em busca de cocô de buriti até acompanhar do perigo que o não acontecesse alguma coisa. O marido da mulher falou que; pode levar o menino para acompanhar e volte logo. Sim, chegaremos ao meio-dia. Ela começou a levar o filho todos os dias em busca de cocô de buriti, enchia cesta com o cocô de buriti e a família comia contente e alegre. Mas, o marido desconfiou desta vez e disse: Por que está levando seu filho todos os dias, o que está acontecendo? Espera que vou mandar o irmão menor para vigiar e ver o que está acontecendo? Espera aí. Olha você vai atrás deles para ver o que está acontecendo. Sim vou atrás e foi, mas se transformou em beija flor e voo. Porém, encontrou e viu que estavam fazendo sexo o filho, ele estava em cima da sua mãe. E voltou, contou ao seu pai que estão fazendo sexo. Está vendo é por isso que mandei você ir atrás. Neste momento o pai prepara cacete e deu uma surra nos dois. Quando chegaram pegou nos braços o filho e deu surra sem parar. Quando terminou era a vez da mãe, bateu bem forte e quando terminou de bater mandou para fora e foram para mata, cabeceira. E nunca mais apareceram na aldeia. Porque a mãe nunca deve ser desrespeitada, ela é sagrada e precisa ser tratada com o respeito e carinho.

Material Didático

Esta cartilha é o resultado de muitos anos de estudo e esforços na tentativa de encontrar um método de alfabetização mais adequado à cultura Xavante. O primeiro esboço foi elaborado em 1959, a edição foi melhorada com novas ilustrações e textos. Também foram feitos cartazes para serem usados nas aulas.

EM LÍNGUA MATERNA

HÖ A WATSU U

Duréi hã, ma A'uwẽ mã prédu Hö a, 'ra. 'Riti na ãtsa hã, duré amnhona. Tsuru ré te te madö ö, to robö ma tidza'etẽ. Ma rowaihu u, waramhã apö dza wi 'Ri u. Itede'wa te ipibuiwẽ. Tadza hã, Hö a, ma ri hawi waptãrã. Waptã ãmhã ti'a ma tsaipo'o, tahawa madörö.

Itede'wa ma, titsã mararé, te mahö, é, Hö'are ma te, dörö, madörö. Tsa Wire ãbö ma tidö'öre. Te dza ama aiwa õ, ané:

AWIPE, AWIPETSE,
AWIPE, AWIPETSE,

Duré ihöiba amo aiwa õ.
AIHÖPÖPE, PE, PEPEPE
AIHÖPÖPE, PE, PEPEPE
PEPEPE, PEPEPE...

Ame dza, tsada wa wa dza'ra, tsire'wa hã, préduma. Öwawẽ tsi'utõrĩ wamhã, Poredza'õnõ dza tsada ab're dza'ra, ipré Duptsi dza tsiwi ab're. Tane duré Poredza'õnõ ma tsi utõri wamhã Öwawẽ dza tsada ab're dza'ra. Ané ma tina 'rata adö'ö da ab're hã, A'uwẽ 'remhã.

Ab're wa norĩ, dza pawa öbö dza'ra, Hö'are tede'wa hã. Duré itsitsânawa norĩ dza ama aime dza'ra, wamarĩ prã na dza ama tãma tsito. TSIBÖ, ABTÖMRĨ, PO'O NHITSU, RÉ, WEDENHORÕ, TSIBDZARIBI, PARAHÖ, BÖ, ABADZINHIBDZORI. A'uwẽ höimana dzé ané, te 're höimana, iwẽ uptabi.

A'uwẽ höimanadzé ame ma te, tina 'rata, 're itsi pawa'öbö dza'ra mono na hã. Ané, wa oto watsima wa te 're wa öbö dza'ra, ab're manharĩ hã. Wahöimanadzé hã iwẽ uptabi. Wa dza to ama 're wahöimana dza'ra, tsi'utõrĩ ãna.

EM PORTUGUÊS

HISTÓRIA, MITO

CORUJA QUARDA NOTURNO

Um indígena Xavante criou um filhote de coruja guarda noturno, deste pequeno cuidava e o alimentava de insetos e comidas domésticas. A coruja ficou grande e ela ficava em cima da casa, cantava de madrugada e o dono ficava contente em sempre ouvir o canto antes do raiar do sol.

Parecia até um despertador para acordar o dono, e é por isso que a amava e tinha um carinho enorme pela Coruja guarda noturno, cuidava e protegia como se fosse um filho.

Mas um dia a coruja cantava de madrugada como de costume e de repente caiu de cima da casa e infelizmente não resistiu aos ferimentos e morreu.

Quando o dono acordou e rodeava a casa, viu a coruja estirada no chão, morta ela estava.

E logo começou a cantar assim:

AWIPE, AWIPE, AWIPETSE

AWIPE, AWIPE, AWIPETSE

AWIPETSE, AWIPETSE.

OUTRO CHOROVA ASSIM;

AIHÖPÖPE, PE, PEPEPE

AIHÖPÖPE, PE, PEPEPE

PEPEPE, PEPEPE.

Neste momento após a morte do animal amado, reuniram-se vários outros clã das redondezas e junto cavaram uma cova para sepultar a Coruja guarda noturno. Assim que começou escavação para sepultar o animal, nada mais se ouvia, um silêncio tomou conta do local, e com respeito todos prestaram suas condolências como é de costume na cultura Xavante.

Após o enterro, parentes colaboraram com objetos, para pagar os que cavaram a sepultura. Uma prática comum na cultura Xavante, sempre quando tiver um falecimento o outro clã prepara buraco e vice-versa. Se o POREDZA'ÕNO falecer o clã ÖWAWÊ preparam buraco. Se ÖWAWÊ falecer o POREDZA'ÕNO preparam o buraco. Os costumes da cultura Xavante são muito ricos.

HISTÓRIA DA ONÇA

HU U WATSU'U

Durêi hã ma A'uwê HU mai prédu. Tsururé, te te madö'ö te, duré te tama a romnhi. Hu hã ãtsadzé romnhi natsi. Itede'wa tama tsimi êti, te tama te'a, bötö böre. Ma oto tiprédu Hu hã. Ame dza, oto pibu, aba dza oto tsaprö, tadza hã Hu hã Itsi tsöpãrĩ pe. Abadze, te wa 'rãmi wamhã, te dza ama tsatsö.

Abadze, te wa 'rãmimhã, dza tsada mri, wam'öre wamhã tare dza madö. Oto ãwabré wamhã, te dza ama tsatsö, dza tsama, tiwĩ. Itede'wa dza tama é, Uhödö, te te ãwĩrĩ, te dza tsöwa dzö tama. Taha pari dza tama ai're, te tsöwadzöri pari, Hu u ma. Ame dza Hu hã i'pa tsima ti'ta, dza ti're. Hu hã, te mã höiwĩrĩ pari dza tama ai're, dza nomro awã wa.

Tama tsi'rei waptsi dza oto tso ai're Hu u tede'wa hã, te te éda. Há, dza'épa. Dza oto tsada wa'ra, taha pari dza oto pré, u'dzö hã. Dza oto adzata. Te adza ta parimhã, wa'ra wa, dza tsa'ra tsebre da, dza oto tidzebre dza'ra Utönhi hã. Utönhi tsebre parimhã 'Ri téme dza oto ti du. Hu hã to tsena ãtsitsöpãrĩ petse uptabi, abadze tama wara ödi. Tahawa itede'waima hã tama itsawipe, e mariwa tama tsitsö pãrĩ monowa. Nima hã bötöna hã, itsitsãnawã ma, itême wi, te ama tsadhanhari da Hu u na, te tsaprönida aba. Wa we atême wi, Hu u na, te atsadanhari da. ãtoro wa, te tsapronida aba. Hu u tede'wa hã tama tinha wadzé dza ama ipibuipe. Wadza ama pibuipe. E maniwi dza itsapro. Tsiãpré wadza, te ama rotsihöri. Ma apé, ama pibuipe aima tsitsöpã rĩmhã, wata metö. Te dza tsadamrimi wabré wamhã, te dza tsöwa dzö, dza ãpa tsima ti'ta, dza ti're. Wata mẽ wamhã, te dza tama ai're.

Hu u tede'wa hã, te te ama tama roti nherẽ ma, marida bete wata me. Tahawa, ma Hu hã tama ai'rẽ, mahõ. Ame ma, itsiti ai'rẽ, nomro romhõna, hõ'õwa. Tare, tama tsi'rẽ õdi, bödö dza, te ama pibu, te dza, tama romanha. Ma oto tihöiwahõ. Oto apo, Hu hã tsina rotété, aibö tẽme. Há, timara, oto mara haime. Ame Hu hã, tsahutu atéma, to nhono aibö hã. Da bö ma tsõtöré Hu hã aibö ti'õ, ti'rẽ, ma te te hitõ, ubure ma, uprotsi petse. Há, timarawa'wa TSIMIHÖPÄRĨ HÖ, hu u tede'wa dza baba. Hu u tede'wa tinha. Prã na: watamena wato ai'rẽ ama aima roti, ãdzadawa dzarona. Romnhi tipro a dza'ra, niwa, te ma dö'õ néi'õmhã.

Ti'awẽ, Hu u tede'wa marare rĩtĩ, itsitsãnãwã, te te tsina iroti dzarina. Rĩtĩ, rĩtĩ wa'rã itsibödö hã, ama tsatsõ, itsibödö natsi tso rĩtĩ, tsöpêtẽ. Ta dza hã, ma Hu itẽme watobro, te ama 're manaiwẽrẽ. Ame aibö hã, Hu hã, te dza tĩwĩ tsawinherẽ, itsitãnãwã, te 'rẽne rute, tsawinherẽ. Tô taha pari, titsitsãna hi, te a'ubumro, tsada ab're, tsé, tsidö. Ane wa robdzari madö'õ we na, pibuiwẽ, ãtsana hã.

HISTÓRIA DA ONÇA DOMESTICADO

Há muito tempo, um indígena Xavante encontrou e criou um filhote de onça, cuidava com muito amor e carinho, a alimentava e protegia, sua alimentação era rica proteína animal, se assemelhando muito a sua vida na selva. A onça foi domesticada, e com o passar do tempo ela cresceu e foi treinada para ser uma eximia caçadora, par perfeito para a caça, o homem e a onça. A onça cheirava o rastro da presa, sua aptidão para caça era inigualável, pois fazia aquilo que nasceu para fazer, tinha tanta distinção que sabia o horário que a caça passará naquele local, uma hora atrás ou até mesmo no dia anterior. Se o rastro fosse atual, ela seguia o rastro até encontrar e abater o animal.

Nenhuma caça era páreo para onça, pois além de nascer com esse dom, tinha ajuda de seu amigo índio. Toda vez que saiam para caçar, nunca voltava sem nada, sempre tinha uma presa como prêmio dessa amizade, dentre as caças eram; veado, anta, catete entre outros que por ali andavam. Sempre, tinham carne fresca, com isso a onça era bem alimentada e cuidada. E quando abatia uma anta, a onça se aproximava e com ferocidade removia o fígado da anta e se

deliciava. Neste momento o dono fica só observando, até ela se fazer por satisfeita. Após o banquete da onça, o seu dono se aproximava e destrinchava, para fazer um giral com a carne.

O dono da onça conhece bem sistema e a convivência com animal domesticado. É só tratá-la bem que animal corresponderá o afeto humano. Pois, em um receberam uma visita, era seu irmão, fez um pedido, para que a onça poderia realizar uma caça com ele. Isso foi uma novidade para a família, o seu irmão aceitou o pedido e deixou a onça ir. E antes disso o dono deu vários conselhos, e uma delas era que não poderia se afastar da onça na hora do abate de sua presa. Na manhã seguinte antes do sol raiar seu irmão se organizou para ir à caçada com a onça. No meio do caminho, a onça viu rastro da anta e seguiu correndo até encontrá-la e matá-la.

Sempre o dono permitia que onça comesse o fígado após ser retirado do animal pelo dono, e deixava a onça comendo sossegado até se sentir satisfeita. Mas o irmão foi contrário não permitia ela de comer, quando se aproximou, ele afastou, não queria uma aproximação. A onça percebeu a aproximação e não gostou, e se retirou do local e se deitou em baixo de uma árvore e foi cada vez mais longe dele. No entanto ao entardecer a onça foi se aproximando cada vez mais perto até o pôr do Sol. Já escurecendo ela se aproximou sorrateiramente para devorar o irmão do seu tutor. Mas a onça era esperta, ficou esperando até que ele dormir, foi se aproximando lentamente e devorou o homem matou, comeu. Se ele tivesse deixado ela se alimentar do fígado da anta, ela não teria o matado e tudo continuaria em paz.

Porém, meia noite assobiou **Danhimite**=Espírito do falecido à frente da casa do irmão e, logo irmão do falecido percebeu que a onça devorou irmão dele. E disse já te avisei ante e dei conselho para não tocar a onça quando estiver a comer. Pois ele desobedeceu e não cumpriu no conselho do seu irmão.

Logo bem cedinho saiu a procura do irmão e da onça no local indicado por ele. Encontrando o lugar onde estava os restos da anta e viu que estava tudo queimado e, de repente a onça apareceu, pois ela estava com saudades. Ele chorou muito pelos ossos do seu irmão reconhecendo, cavou e o enterrou. Depois matou a onça mesmo a amando por ter devorado o irmão.

Sendo que podemos estar sempre atentos, esperto dos animais carnívoro tratando bem sem desprezar quando houver criando, junto a família. Pois, é muito perigoso as vezes ele mesmo

pode pensar de matar gente uma criança até adulto enquanto dorme. Porém, é muito bom criar para auxiliar às pessoas quando passear vigiar a noite em casa.

HISTÓRIA: A GUERRA ENTRE TSIRÊTEDEWA E XAVANTE

Durêi hã, te 're tsi wapé TSIRÊTEDEWA, A'UWE mé. TSIRÊDEWA totse itsahi, itsib'ru, itsiminhopa'õ. Aibö tsapore nhêrê hã, da ma pahida hã maredi. A'uwê uptabi Xavante atsa itsahi itsib'ru, te te 'rewapé, te âma te 're ai'uté. To tsena, dama pahi da hã mare di. Xavante dza hadu, te 're hõimana dza'ra, tané duré Tsiřetede'wa dza hadu, te 're hõimana dza'ra. ITEHUTUWAWÊ AMA= MATO GROSSO. Tô waihu u na da. Âhã to tsena rowatsu u, te 're hõimana.

Tô ame te 're mõi hõimana da me Watsi Medi, Tsare'wa. Ôhã tô danhimi prédu, Danhimidzama, da tsiré, te 're hõimana wadzé petsena, tsawi petsena hã. Duré awêb nahã oto, durei dza aba watobro, 'rawa dzo, te mõi'wĩrĩ da. Tadza hã ma, itsa u aihutu TSIRÊTEDE'WA nori hã itsa u. Taré tsihutu ôdi A'uwê, te tsahuda, te uprotsi da. TSIRÊTEDE'WA nori hã, warã, te aima tsa, ibumru petsena. Tadza hã, te tsimadzatõ mai'wara da TSA'REWA dza ri na. Iwana, ma to wapé. Há, ma a'õ tsadzori dza'ra. TSIRÊTEDE'WA apo tsina ubumro warã, tsa'iti petsena aimatsa.

TSA'REWA dzarina mõi wara, tso hörö, kakakakai, kakakakai;

Tsada'õ, kai, kai, kai; iteme wi, tsadanha, té marĩ, té marĩ.

Hã, Tsiřetede'wa ma wadza hute, oto âma itsarina aiwara. Â ama ori âhã, HI hã='RAWA nhitsi Tsa'rewa mreme na hã. Há, wara, tama tinha tso iwara ma, tsa'êtê wara da itsarina. Oto wi 'ri tême, 'ri mana hawi dza âdzé 'ri dza pu una. Tsa'rewa hã wa udu tsuruna, tsi'ma wama, tsi petse. Oto, tso tiwatobro dza'ra, tsima wa nõ'õ, ai'wapé dza'ra. Oto aiwététsi natsi, te âma anhimi'reiwa tama, tipahi dza'ra Tsitede'wa norĩ hã.

Ame ma tsiwi waihu u, te tama manharĩ dza'ra, te dza wa uprotsi dza'ra danhimidzama. Dza oto Tsiwada uridza'ra Hê, hê, hê, ai'abará aba te dza wa uprotsi danhimidzama hã. Tsiřetede'wa ma tsiwi waihu u a'uwê uptabi õ na hã. To tsena ipapipa uptabi, te iromhõ petse uptabi. Tsiřetede'wa norĩ, te tsiwi u'a ôdi, aiwatétsi te ahödzu. Tô aiwatétsi, te te awa nõ'õ. Duré wahu

utsinada. A'uwẽ nhitsi na hã, DATSURÉ ane, itsitsi hã. ã norĩ hi'rada; TSARÉPRÉ, WETE, WA'AIHÖ. DATSURÉ hã, a'uwẽ me te a ré 're hõimana.

A GUERRA ENTRE TSIRÊTEDEWA E XAVANTE

Antigamente guerreava Tsirêtedewa com os Xavante = A'uwẽ. Os Tsirêtedewa são valentes, corajoso não tinham medo de ninguém. Mas os Xavante também são corajosos não havia medo entre eles, enfrentavam os Tsirêtedewa. Ao chegar na aldeia do povo Xavante, eles ficavam no centro da aldeia aguardando até iniciar a guerra entre Xavante. A guerra começa entre Xavante e Tsirêtedewa, alguns morreram durante a disputa, foram usadas armas com arco, flecha e burduna.

O Datsuiré saiu bem cedinho para caçar paca, indicou o lugar de caça, se acontecer algo já sabem onde o encontrar. E quando chegaram Tsirêtedewa lembraram do DATSUIRÉ um dos Xavante foi correndo atrás dele para avisar que os povos Tsirêtedewa vieram guerrear contra os povos Xavante. Mas deu sinal de grito; KAKAKAI, KAKAKAI, KAKAKAI; Ouviu o sinal de grito e percebeu que está acontecendo alguma coisa; Respondeu; KAI, KAI, KAI, KAI.

O que houve, os Tsirêtedewa chegaram para atacar estão no centro da aldeia esperando a guerra entre Xavante e Tsirêtedewa. Tá leva HI = paca, vou correndo e você vem correndo atrás de mim. Assim foi correndo com velocidade até alcançar seu povo que não aconteça alguma coisa com os Xavante. Porém, ao chegar na aldeia, entrou pela janela a baixada para não perceberem os Tsirêtedewa que tinha chegado, pois é alto era 180 de altura.

Quando entrou na casa descansou meia hora, e preparou-se, amarrando uma cordinha nos braços e nas pernas, e se pintou de urucum e com um pouco de carvão. Ao mesmo tempo saiu de casa, e atirando contra os Tsirêtedewa, eles se espalharam gritando avisando uns aos outros para tomar cuidado para deixarem de serem abatidos. Pois, ele é habilidoso, rápido e esperto não é ágil para se esquivar do ataques. Os Tsirêtedewa foi perdendo cada vez mais homens e perceberam que ele não era um Xavante, ficaram sabendo que um homem criado pelos Xavante. E começaram a gritar, ele vai acabar conosco.

Um chefe gritou para todos fugirem, pois não conseguiriam vencer. E durante a guerra nem um deles acertaram ele, ficaram com medo e foram correndo os que restaram com vida. O DATSUIRÉ, é dessedente de TSAREWA índio morcego. Mas ele foi criado pelo Xavante. Os dessedente de que vive até hoje; WA'AIHÖ, TSERERU, WETE. No entanto, foi ele que salvou os povos Xavante guerreando contra Tsiřtedewa naquela época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi na aldeia Sangradouro que realizei minha pesquisa de mestrado com a participação dos anciãos para relatar a História Xavante e as narrativas originárias do povo Xavante. A pesquisa foi desenvolvida no espaço da aldeia, onde os anciãos contaram cada história em sua língua materna. Eu escrevi e transcrevi posteriormente na Língua Materna e em Língua Portuguesa aquilo que eles contaram, pois queria registrar as nossas histórias. Eles ficaram contentes por eu ter procurado saber mais sobre a História Xavante e as narrativas do povo Xavante e, ao mesmo tempo, agradei com muita satisfação por terem me atendido com entusiasmo.

A História Xavante e suas narrativas são muito importantes e devem permanecer na vida da comunidade, especialmente para as novas gerações indígenas xavantes. Os anciãos reconheceram que a pesquisa é importante para o mestrado, valorizando o estudo que está sendo realizado na Unemat de Barra do Bugres. Além disso, o estudo frequentado por um mestrando indígena xavante levará conhecimento de volta à sua comunidade e aos alunos indígenas xavantes, compartilhando o que foi aprendido e pesquisado durante o curso de mestrado.

Por isso, realizei esta pesquisa sobre a História Xavante e as narrativas do povo Xavante para que elas sejam registradas para o nosso povo e para que possam ser conhecidas por outras pessoas não-indígenas. Este trabalho de pesquisa será utilizado para o trabalho pedagógico com os alunos do ensino médio indígena xavante. Na escola indígena, será ensinado aos alunos por meio de comentários, leitura, atividades de classe e pesquisa. Concluindo, este trabalho de pesquisa será um suporte para docentes e alunos, que encontrarão a História Xavante e as narrativas do povo Xavante na cartilha que será divulgada. E assim, futuramente, alguém poderá continuar a pesquisa no próximo curso, explorando ritos como a furação de orelha e os ritos de passagem dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, V. S. **O Filtro dos Sonhos no Templo das Águas**. Uma Vivencia de Transcendência. Monografia (Formação Docente em Biodanza) – Escola de Biodanza Rolando Toro de Pelotas. Pelotas, 2012.
- ANDRADE, K V. **A ética Ye'kuana e o espírito do empreendimento**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. O que é um estudo de caso qualitativo em Educação? Revista da FAEEBA – **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- ARAÚJO, L. F. S.; DOLINA, J. V.; PETEAN, E.; MUSQUIM, C. A.; BELLATO, R.; LUCIETTO, G. C. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.
- BARÃO, V. M. O mito e o espaço nas representações artístico - culturais dos Mbyá Guarani. **Revista Eletrônica História em Reflexão (UFGD)**, v. 1, p. 2, 2007.
- BARROS, K. C. T. **As percepções sobre o ambiente na Comunidade Indígena Malacacheta**: realidade e perspectivas diante da presença dos não-indígenas. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2010.
- BARROS, V. E. N. **Da casa de rezas à Congregação Cristã do Brasil**: o petecostalismo Guarani na Terra Indígena Laranjinha/PR. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- BECKER, F. **Ensino e construção do conhecimento: o processo de abstração reflexionante**. Porto Alegre. Educação & Realidade, vol. 18, p. 43-52, 1993.
- BELLINGER, C. K. I.; PERUTTI, D. C.; ANDRADE, L. M. M. **Terras Guarani no Sul e no Sudeste**. Comissão Pró-Índio de São Paulo. São Paulo, 2009.
- BERNAL, M. D. F. **A árvore da vida reflexões sobre o artesanato de referência cultural do território trinacional do Iguaçu**. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2015.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLOGNINI, D. S. Cultura popular: em busca de nossas raízes. **Design e interiores**, São Paulo, ano 2, n.9, p.100-101, jul./ago. 1988.
- BORBA, M. C.; COSTA, W. N. G.; **O porquê da etnomatemática na educação indígena**.

SABEDORES ORIGINÁRIOS

Alexandre Tsereptsé

Paixão Wa'umhi

Aldo Tserewa'rã

Jacó Tserenhowa Marãdzabuiwa

José Tsererureme